

Editorial

A certa altura da história da psicanálise, ele (Freud) afirma claramente que não basta ter sido analisado para tornar-se analista. Ele introduz a noção de formação, *Ausbildung*, mais próxima da ideia de uma interrogação, de uma crítica de si (em relação ao trabalho empreendido com um paciente), que da noção de modelo. Ora, a noção de modelo prevaleceu. Na noção de formação estava presente a preocupação de uma camaradagem, a necessidade, no espírito de alguns, de ajudar o sujeito a se desvencilhar de toda identificação ao analista e de todo o superego institucional.
(Mannoni, 1992, p. 37)¹

O projeto editorial desta gestão foi traçado considerando a tradição de uma das vertentes identitárias do *Jornal*, que tem a sua melhor expressão nas falas de Menezes e Schaffa:

Ao assumir esta função, reafirmei a necessidade de preservarmos o seu caráter de revista pequena e ágil, capaz de funcionar como uma espécie de catalisador, voltada para questões ligadas à formação e ao Instituto e que estejam pedindo para ser faladas. (Menezes, 1991, p. 5)²

Para a equipe de Schaffa, o rumo editorial deveria estar voltado para as “questões institucionais, fazendo do *Jornal* um instrumento sensível às pulsações da vida de nosso Instituto e Sociedade” (Schaffa, 1995, p. 5).³

Portanto, mais do que ser uma publicação de cunho científico de alta qualidade, a especificidade do *Jornal* está na sua função receptiva de “catalisador, de caixa de ressonância ou instrumento sensível às pulsações...”, e em outra função que chamarei de interrogante da natureza institucional da formação psicanalítica, seja na esfera pública (cursos, seminários e supervisão) ou privada (análises didáticas/regulamentadas).

1 Mannoni, M. (1992). Risco e possibilidade de supervisão. In C. Stein et al., *A supervisão em psicanálise*. São Paulo: Escuta.

2 *Jornal de Psicanálise*, 24 (47), 5-7.

3 *Jornal de Psicanálise*, 28 (53), 5-11.

O compromisso é *preservar* o que tem sido o específico,

o mais original nesta revista, a sua função de caixa de ressonância das questões institucionais; crucial, pois, das saídas que se encontrem para elas depende o fracasso ou o (relativo) sucesso de uma associação psicanalítica em manter viva a chama do pensar psicanalítico. (Menezes, 2012, p. 504)⁴

E, para nós, o compromisso é também inovar ao acrescentar um aspecto mais interrogante e até interpretativo, que visa a emanar um desconforto pensante, capaz de sacudir nossas verdades defensivas e propiciar um espaço potencial de liberdade de pensamento e ideias criativas que impulsionem uma produção psicanalítica implicada com as nossas heranças, mas suficientemente livre para criar um patrimônio próprio advindo do trabalho geracional tecido ao longo de todos esses anos.

O *Jornal de Psicanálise* é um dos importantes espaços institucionais voltados para a formação de analistas, principalmente por sua função de catalizador das questões relativas ao ensino, transmissão da psicanálise e formação de psicanalistas no âmbito do Instituto e da Sociedade e a tudo o que a fronteira dos muros institucionais não nos permita entrever, ou seja, o terreno fértil e livre da psicanálise e da cultura da psicanálise. Para nós, no momento, o significativo é que o jornal também se ofereça como um importante espaço entre o público e o privado na circulação de ideias e no arejamento institucional.

A tradição e a inovação são faces do mesmo movimento que se opõe para girar e aparentemente dobrar-se num sentido ou noutro, mas que, a cada giro, ocupará outro espaço. Girou a editoria e ocuparemos outro espaço; mesmo que os propósitos ainda sejam os mesmos, a releitura é sempre singular.

Ao assumir a responsabilidade de ser editora do *Jornal de Psicanálise*, a convite de Leda Herrmann (diretora do Instituto de Psicanálise) com o apoio de Nilde Parada Franch (presidente da SBPSP) e o incentivo de Luís Carlos Menezes (ex-editor do *Jornal*) com quem participei da equipe editorial pela primeira vez nos anos 1990, aceitei com muito apreço o convite, mas com a plena consciência da seriedade que esta ocupação (*besetzung*)⁵ exige.

A partir da experiência de trabalho durante nove anos no *Jornal*, três pontos surgiram como fundamentais para o início da tarefa editorial: a montagem de uma equipe, a elaboração de um projeto de jornal e o aprimoramento da estrutura de suporte técnico ao processo editorial.

4 *Dimensões*, pp. 501-504.

5 A expressão alemã *Besetzung* – ora traduzida como catexia, ora como investimento. Derivada do verbo *besetzen*, pode também ser traduzida como *ocupação* (Hanns, p. 89).

O primeiro desafio foi montar a equipe não pelo critério da familiaridade ou amizade, mas observando a qualidade de participação na vida institucional e envolvimento com a formação. A equipe atual é composta por: Abigail Betbedé, Alexandre Socha, Any Trajber Waisbich, Dora Tognolli, Gustavo Gil Alarcão, Heloisa Helena Sitrângulo Ditolvo, Maria do Carmo Meirelles Davids do Amaral e Suzana Kiefer Kruchin.⁶ Os colegas Abigail, Alexandre e Suzana participaram da equipe editorial anterior de Eunice Nishikawa, a quem gostaria de agradecer pela abertura e generosa transição para que pudéssemos assumir essa tarefa editorial com a tranquilidade necessária.

O projeto editorial surgiu da ampla discussão e análise da importância do *Jornal*, hoje em dia, na vida dos membros filiados e dos membros da SBPSP. Demos início a uma pesquisa, enviando cartas a todas sociedades dentro do âmbito da IPA, para saber se existiam outras publicações com o mesmo objetivo que o *Jornal*. Ficamos surpresos ao saber que apenas cinco sociedades responderam e somente duas tinham publicações semelhantes: o *Canadian Journal of Psychoanalysis* e a GRAFO (grupo de analistas em formação, Associação Psicanalítica do Uruguai). A pesquisa está em andamento e pode ser um auxílio para contextualizar a importância desta experiência singular, específica, do *Jornal de Psicanálise* ao longo destes 47 anos de sua existência.

Nosso projeto foi delineado a partir do eixo da ocupação (*besetzung*). Que o *Jornal*, enquanto espaço potencial, se ocupe e seja ocupado pelos membros e interessados pela psicanálise. Daí surgiram novas sessões como:

Seção temática (o tema do número) que, além dos artigos sobre o tema, contará com um comentário sobre os mesmos, como uma forma de criar um diálogo entre os textos.

Manifestações surgiu após a carta-convite ser enviada. É uma seção resultante do trabalho laboral e da sintonia da equipe que estava ocupada com as questões que a circundavam no âmbito do público institucional e, ao mesmo tempo, se viu preocupada com as questões das manifestações de junho. O *Jornal* foi ocupado pelos acontecimentos históricos do país, as preocupações e perplexidades que assolaram a intelectualidade brasileira diante das manifestações de rua que, no mês de junho, em várias capitais do território nacional, espalharam um grito de insatisfação contra o *status quo* da vida política no Brasil. Vocês terão a chance de verificar o efeito desta proposta.

Psicanálises possíveis traz esse nome em homenagem ao nosso colega Fabio Herrmann; nos enriquece com as possibilidades que o método psicanalítico oferece. Nesta seção receberemos artigos da clínica extensa, artigos “de” e “sobre” Psicanálise.

6 Cinthia Maria Arcuri Jank, participou da equipe editorial até o mês de abril, infelizmente, por motivos pessoais não pôde continuar.

A *AMF* é a ocupação pela *AMF* de um espaço próprio no *Jornal*. No nosso projeto editorial faz todo sentido que o membro filiado fale em nome próprio (privado) e ao mesmo tempo se expresse enquanto associação.

História da Psicanálise nasce da parceria com a Divisão de Documentos e Pesquisa da História da Psicanálise, no sentido de dar espaço para que a equipe do acervo possa apresentar suas pesquisas e suas análises sobre a História da Psicanálise, além de outros artigos que poderemos receber sobre o tema.

Tradução dedica-se a abrir um canal direto com o Instituto. A ideia é publicar traduções comentadas que contribuam para as leituras dos membros filiados e docentes nos seminários.

Sessão de cinema é uma seção especial, pois como temos, na Sociedade, a tradição de ciclos de cinema e discussões sobre filmes, esta tem uma proposta diferente, com atividade própria. A ideia é escolher um filme que sirva de tema para a discussão e a escrita coletiva de um artigo para esta seção. Já estamos com uma atividade em andamento, o encontro para o filme *Festa de Família*, do diretor Thomas Vinterberg. Aceitamos outros artigos sobre cinema e psicanálise.

As seções acima descritas serão mantidas nos próximos números. Outras seções virão à medida que o projeto editorial amadurecer e se ocupar ou for ocupado por novas ideias.

Correspondendo a toda esta mudança interna, optamos por mudar também a capa do *Jornal*.⁷ Convidamos a artista plástica Elisa Bracher, conhecida por suas enormes esculturas de madeira que ocupam o espaço público da cidade, que nos pareceu expressar de modo bem particular a reflexão sobre os espaços e suas ocupações. Decidimos manter o símbolo da pena de escrever e a numeração do *Jornal*, ambos do projeto gráfico da gestão anterior, por entendermos que aí se dá o início de uma tradição que merece ser mantida. Todavia, introduzimos o “i” do Instituto que nos remete ao compromisso com o que há de específico do *Jornal*, na sua vertente identitária, que é sua relação íntima com o Instituto e as questões relativas à formação.

Sobre a estrutura de suporte técnico ao projeto editorial, nossa equipe pode indicar preparadores de texto ou revisores para assessorar autores que tiverem dificuldades na escrita e possam encontrar no *Jornal* um espaço de diálogo sobre as implicações dessa passagem do texto privado ao texto público.

7 Nora Pasternac, em sua análise sobre a Revista Sur, diz: “la naturaleza de una revista – mucho más que la del libro – se percibe en todos sus detalles, tanto en su estilo y su tono como en la elección de los textos y de los autores publicados. Igualmente, sus características se expresan en la fórmula editorial y en la distribución de las secciones, en las relaciones entre textos y espacios o ilustraciones, en su tipografía y...” (p. 9) *Sur: una revista en la tormenta. Los años de formación: 1931-1944*. Buenos Aires: Paradiso, 2002.

Gostaria de agradecer a colaboração de todos os autores que participaram deste número, Elisa Bracher pela bela capa, Mireille Bellelis Rossi e Suely Toneto, sem as quais este número não sairia, Darci Lopes e nossos incansáveis revisores.

É importante salientar que todos os membros da equipe participaram, igualmente, tanto da elaboração do projeto quanto da realização deste número.

Estão todos convidados a percorrer este número 46, observar o projeto editorial e, ao mesmo tempo, por meio da leitura, refletir e problematizar essa tensa e delicada relação entre o público e o privado na formação e seus possíveis desdobramentos. Este editorial não é sobre os artigos do número, o leitor se ocupará deles.

Esperamos vê-los com o *Jornal* debaixo do braço que, mesmo aos 47 anos de vida, ainda se mostra em forma, bastante útil, sintonizado, atual e com muita vivacidade. Boa leitura!

Marina Massi
editora